

## Afonso Schmidt - 90 anos de estreia em prosa

### Rosani Abou Adal

*Brutalidade*, contos sociais, de Afonso Schmidt, foi a primeira obra lançada em prosa em 1922, pela Editorial Star do poeta Paulo Gonçalves. O livro de estreia no referido gênero surpreendeu as expectativas e vendeu mais que o esperado. A segunda edição foi publicada por Irmãos Ferraz, em 1927.

Afonso Schmidt, aos 14 anos, em 1904, iniciou na Literatura com o folheto de versos *Lírios Roxos*, quando estudava no Grupo Escolar do Brás. No ano seguinte estampou *Miniaturas* (poesias). Editou por sua conta, em 1911, *Janelas Abertas* - o primeiro livro de poemas. No início da carreira custeou os seus livros. Na época era comum os escritores editarem e venderem seus livros.

Começou sua carreira como poeta, mas depois enveredou para a prosa e deixou uma vasta obra que foi traduzida para o italiano, polonês, russo, romeno, espanhol, lituano e japonês. Publicou mais de 40 livros nos gêneros poesia, conto, novela, crônica, romance, biografia, viagem, autobiográfico, juvenil e memórias. Foi um dos escritores brasileiros mais lidos no exterior. Schmidt afirmou que só escreveu versos enquanto sua vida despreocupada de moço permitiu.

*Os Impunes*, a primeira novela, publicada em 1923 pela Livraria Santos Editora, foi agraciada com o 1º Prêmio do concurso promovido pela *La Novella Semanal* de Buenos Aires. A segunda edição, Editora Brasiliense, em 1955, faz parte de uma coleção lançada em 12 volumes, de 1954 a 1959.

O primeiro romance, *O Dragão e as Virgens*, foi lançado pela Editora Brasiliense, em 1927. A segunda edição foi publicada pela Editora Cupolo, em 1949. A obra foi sucesso de vendas e Schmidt se pronunciou com ironia a respeito: "Por uma série de circunstâncias imprevistas, apareceu nos mostruários quase um ano depois da crítica ter se pronunciado. Esse livro foi muito vendido: os açouques do Brás compraram-no

sem regatear, para embrulhar filés e alcatras..."

*As Levianas*, peça em três atos, foi editada pela Companhia Abigail Maia, em 1925. A primeira obra teatral não foi reeditada.

O único livro de crônicas publicado foi *Os Negros*, pelo Grupo Quilombo, em 1932, que também não teve outras edições.

*A Primeira Viagem*, editado em 1947, romance que narra a experiência da sua primeira viagem à Europa, em 1907, para as Canárias, Vigo, Lisboa e Paris, que fez com poucos recursos.

O romance *Bom Tempo* foi publicado em primeira edição, em 1956, pela Editora Clube do Livro, e a segunda edição, pela Editora Brasiliense, em 1958. A obra é fruto da sua segunda viagem (1913), realizada nas mesmas condições da anterior. Na ocasião trabalhou em Milão até 1914 e ao ser transferido para a França ficou bloqueado no alto do Mont Cénis e, graças ao apelo do Príncipe Dom Luís de Bragança, conseguiu sair dali e retornou ao Brasil antes de estourar a Primeira Grande Guerra em 1914.

*Os Melhores Contos de Afonso Schmidt*, livro clandestino editado pela Hélio, de Lisboa, em 1948, que Schmidt só teve conhecimento em 1951 quando um leitor lhe telefonou pedindo autógrafo do mesmo. O leitor lhe ofereceu a obra com a seguinte dedicatória: "Ao autor agradeço oferece o leitor admirado."

*A Sombra de Júlio Frank*, romance histórico editado em 1926, só foi colocado à venda na segunda edição. As demais edições saíram pelas editoras Anchieta, em 1942, Clube do Livro, em 1950, e Brasiliense na coleção de 12 volumes. A obra também foi publicada pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em 2008, em edição comemorativa do bicentenário do nascimento de Júlio Frank, com a apresentação de José Carlos Madia de Souza, proêmios de Lygia Fagundes Telles, Paulo Bomfim e Miguel Matos, introdução de Herbert Carvalho e posfácio de Eunice Nunes.

Afonso Schmidt, jornalista, romancista, poeta, sócio e fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, e membro da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, nasceu em Cubatão (SP) a 29 de junho de 1890. Faleceu, aos 74 anos, na capital paulista, aos três de abril de 1964.

Em 1923 foi agraciado com três prêmios da Academia Brasileira de Letras, com os livros *A Marcha*, romance, *O Tesouro de Cananéia*, contos, e com *O Irmão sem nome*, trabalho inédito que foi publicado com o título de *Reino do Céu*.

A novela *O Menino Felipe*, em 1948, venceu em primeiro lugar o concurso da revista *O Cruzeiro*.

Segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos, "Enquanto fez poesia Afonso Schmidt não só cultivou o parnasianismo dominante, como ressuscitou a nota social que dormia nos livros desde o advento desse mesmo parnasianismo, embora fosse muito ativa no decênio de 1870 e no início de 1880. Sua contribuição mais séria ao neoparnasianismo foi a retomada da poesia social."

Concordo com Péricles Eugênio da Silva Ramos que a obra poética de Schmidt cultivou o parnasianismo e neoparnasianismo, mas com pinceladas futuristas.

Os romances, contos e novelas são modernistas e realistas, marcados pelo seu estilo schmidtliano, rico em linguagens, metalinguagens e plasticidade poética. Narrou a cidade de São Paulo com perfeição, precisão, concisão, ritmo cadenciado e lapidou seus personagens de realismo.

Afonso Schmidt disse "Numa terra excepcional como a nossa, onde o próprio chefe da Nação deixa o Catete para tomar parte nas reuniões da Academia Brasileira de Letras, a profissão de escritor não merece o desamparo em que se encontra. O escritor, portanto, já tem honra de figurar entre os carpinteiros, os médicos, os engenheiros, os tecelões e todos os profissionais."

Quando, nessa terra excepcional, a profissão do escritor será regulamentada?



Afonso Schmidt

Em 2012 é comemorado os 90 anos da estreia em prosa de *Brutalidade* e a sua obra, de relevância e importância para as nossas Letras, continua sem novas edições. Para a alegria dos leitores, ainda bem existem sebos como a Livraria Brandão.

Como ainda muitos escritores editam e vendem seus livros, não há nada a fazer, o jeito é esperar pelas reedições. Há uma luz no final do túnel: quando entrar em domínio público, a reedição da sua obra virá à tona - fato corriqueiro "Nessa terra excepcional".

Referências bibliográficas: *A Primeira Viagem, Tempo das Águas, O Menino Felipe O Canudo, A Sombra de Júlio Frank, Os Impunes, A Marcha, O Tesouro de Cananéia, O irmão sem nome, Os Melhores Contos de Afonso Schmidt, O Dragão e as Virgens, A Primeira Viagem, Bom Tempo, Janelas Abertas e Brutalidade*, de Afonso Schmidt; *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, volume 2, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza, 1990, MEC e Fundação de Assistência do Estudante, Rio de Janeiro, RJ; *Dicionário Literário Brasileiro*, de Raimundo de Menezes, 2ª edição, 1978, Livros Técnicos e Científicos, Rio de Janeiro (RJ); *Homenagem aos 98 anos - 29/6/1890 - 3/4/1964*, Gráfica Prodesan, com redação de Henrique L. Alves e Mário Donato e iconografia da Coleção Afonso Schmidt existente na Biblioteca Municipal e Arquivo Histórico de Cubatão.

**Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.**

## Editorial

Não é a primeira vez que o texto de Rodolfo Konder é a fonte inspiradora do editorial. "Educação e liberdade" é um tema atual que aborda as mudanças na Educação e no ser humano.

Segundo Konder, "A educação, no Brasil e na América Latina de hoje, deve ser colocada ao serviço do desenvolvimento, deve ser instrumento de combate à miséria. Mas deve ser também uma escola sem fronteiras, capaz de gerar aqui os homens e mulheres do futuro, comprometidos com uma prática diuturna de respeito aos direitos humanos mundialmente consagrados, comprometidos com a idéia de uma convivência harmoniosa com a divergência e a controvérsia."

A Educação precisa ser reestruturada e se faz necessário uma revisão e alteração dos modelos aplicados para que Ela possa ser um instrumento de combate à miséria. Urge mais investimentos na Educação e na Cultura e salários mais dignos para nossos educadores.

Nada poderá ser mudado se as mentes de todos aqueles que direcionam os rumos do nosso País não forem despoluídas. Assim poderemos caminhar rumo à modernização e para uma democracia mais estável.

Realmente "o grande desafio é o da modernização" (Rodolfo Konder). É impossível alcançar a modernização se o homem não aprender a respeitar e amar o próximo para que possa também respeitar e amar os animais e a natureza. Só com esse grande desafio poderemos construir um mundo melhor para se viver.

## Educação e liberdade

### Rodolfo Konder

Quando se fala em educação, hoje, no Brasil, é inevitável a discussão do processo de modernização do País. Por onde passa a nossa modernização, neste momento de reencontro, de redescoberta, após um período tão longo de desestruturação, de deseducação?

Ao fim de anos e anos de autoritarismo, de trevas, de alienação forçada, lassos tornaram-se os músculos de inúmeros setores da sociedade brasileira. Em toda a América Latina, depois da multiplicação das ditaduras e da miséria, atrofiou-se a capacidade de reflexão crítica, de questionamento, de dúvida. Agora, fracassados os modelos autoritários, o momento é de reconstrução. Reconquistada a democracia, novos são os desafios.

O grande desafio é o da modernização. A construção de uma democracia estável, sólida, duradoura, passa pela modernização dos corações e das mentes, pela substituição de hábitos e posturas, pelo aprimoramento de instituições e práticas. A América Latina busca novos caminhos, quer crescer com autonomia, quer desenvolver-se com liberdade.

Neste quadro, devemos repensar os problemas da educação a partir de uma nova ótica - a ótica da mudança. Precisamos repensar a questão educacional a partir da idéia de que as pessoas têm que ser reeducadas para o convívio democrático. O chamado *entulho autoritário* - os escombros das ditaduras naufragadas, que ainda poluem nossas praias - não existe apenas nas leis. Também está nos hábitos, nas atitudes, nos vícios de raciocínio e nos preconceitos com os quais nos defrontamos todos os dias. Quando consideramos como *inimigo* alguém que discorda de nós; quando queremos simplesmente suprimir os antagonismos, as controvérsias, seja pela decisão da maioria, seja pela coerção; quando achamos que o melhor meio de calar os dissidentes é através da disciplina rígida, da punição implacável, estamos liberando as feras do autoritarismo. E como é possível domá-las?

Nossas nações ainda acoissadas pelo atraso só encontrarão seu caminho, sua identidade, sua plena soberania, na solidariedade internacional, na defesa da paz, do pluralismo, dos princípios de não-intervenção e autodeterminação dos povos.

Mas esta mudança começa dentro de cada um, em cada comunidade, no pluralismo dentro de cada país. A busca da verdade nacional depende, para o seu sucesso, da capacidade de criarmos um sistema educacional a altura dos novos desafios. Depende da criação de uma Universidade que funcione permanentemente como instrumento de avaliação e reavaliação crítica do esforço nacional. A educação, no Brasil e na América Latina de hoje, deve ser colocada ao serviço do desenvolvimento, deve ser instrumento de combate à miséria. Mas deve ser também uma escola sem fronteiras, capaz de gerar aqui os homens e mulheres do futuro, comprometidos com uma prática diuturna de respeito aos direitos humanos mundialmente consagrados, comprometidos com a idéia de uma convivência harmoniosa com a divergência e a controvérsia.

Perceberemos o nascimento de mulheres e homens do futuro quando os comportamentos começarem a mudar, quando os preconceitos, a insensibilidade e o autoritarismo começarem a desaparecer, não somente das leis, mas da prática cotidiana, na relação mais íntima entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre jovens e velhos, entre brancos e negros. Então, estaremos efetivamente nos reeducando, já que *só há aprendizado quando há mudança de comportamento*, como ensinava B. F. Skinner.

**Rodolfo Konder é escritor, jornalista, diretor da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.**



### Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME -  
agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902  
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*  
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - [www.xavi.com.br](http://www.xavi.com.br)

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

# A peste branca – A Pneumologia e a Tisiologia – Um relato de Manoel Hygino dos Santos

**Zina C. Bellodi**

Penso que ser Memorialista seja lidar com os fatos do passado, relatando-os, interpretando-os, apresentando provas, ou apenas levantando suposições através do exercício da memória. A redação deve revelar algo conciso, claro, dando uma dimensão adequada e esclarecedora do tema tratado. Ser memorialista pode ser isso e pode ser muito mais. Manoel Hygino dos Santos está na linha do “pode ser muito mais”.

Ora, Manoel Hygino dos Santos é escritor, jornalista, crítico literário de renome, escreve diariamente para o jornal “Hoje em dia” de Belo Horizonte, é ouvidor da Santa Casa de Belo Horizonte e editor do jornal “Santa Casa notícias”. É membro de diversas associações como a ANE – Associação Nacional dos Escritores, Associação Mineira de Imprensa, entre outros, sem esquecer que é membro da Academia Mineira de Letras, a chamada Casa de Alphonsus de Guimaraens. Recebeu diversos títulos; escreveu inúmeros livros. A relação dos cargos ocupados é muito grande tendo sido chefe de Gabinete da Prefeitura de Belo Horizonte, Diretor da Rádio Itatiaia, entre outros; hoje é ouvidor da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Tem publicado diversos livros sobre a História desta instituição, cada um focando uma especificidade; em todos fica clara a atuação da Santa Casa como prestadora de serviços a uma vasta população.

O livro que agora me ocupa, *A peste branca – A Pneumologia e a Tisiologia – Um relato* é de

diagramação invejável, de leitura fluente e agradável, preciso nas informações; nele Manoel Hygino faz mais do que contar o que aconteceu na Santa Casa de Belo Horizonte e por que a cidade se tornou um centro de excelência no atendimento à tuberculose.

A tuberculose não é uma doença atual. O autor afirma que há registros dela até a 2000 a.C., enumera os tratamentos adotados. O problema é antigo. Há descrição da doença com Hipócrates na Grécia (460-351 a.C.). Com as guerras a tuberculose foi levada para diversos pontos do Planeta, ou foi adquirida pelos soldados durante as guerras e trazida para seus locais de origem.

Apresenta algumas celebrações que sofreram com a doença: Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) foi tratado no Egito; Chopin e sua mulher George Sand estiveram na ilha de Maiorca; Antonio Nobre, poeta português, viajou em busca de tratamento e foi expulso de hotéis; Manoel Bandeira (1886-1968) que, depois de passar por vários lugares e tratamentos no Brasil foi para a Suíça.

No Brasil a tuberculose chegou com o colonizador. Há relatos de que havia aqui uma população sadia, com boa alimentação, e que desconheciam o sal. Embora fossem pessoas de boa saúde, havia algumas doenças para as quais os nativos tinham defesa, mas a chegada do branco trouxe novas enfermidades contra as quais eles não tinham como reagir. A chegada do colonizador trouxe a tuberculose. Padre Manoel da Nóbrega era tísico com enorme lesão pulmonar e Padre José de Anchieta veio para tratar-se

de tísica óssea. O colonizador provocou a morte de muitos – de padres e de índios.

Na p. 19, o Autor apresenta os diversos tratamentos que foram sugeridos ao longo do tempo e, na p. 24, traz um excelente conceito da doença que, no século XVII, já com caráter de epidemia, passou a ser chamada “peste branca”. A tuberculose continua sendo causa importante de morte e é facilmente transmissível pelas gotículas de saliva que escapam ao tossir, espirrar e mesmo ao conversar.

No fim do séc. XIX parecia que a tuberculose estava erradicada, mas com o aumento da capacidade de movimentação de pessoas pela facilidade de transporte, e a propagação do vírus da AIDS, o sonho de vê-la dominada foi destruído; ela voltou com força.

Manoel Hygino informa que 8 milhões de pessoas ainda são afetadas anualmente e que destas, 2 milhões vem à óbito. No Brasil há 85.000 casos por ano. (p.27) O Autor dá do tratamento da tuberculose uma visão histórica, científica e uma dimensão humana do problema na medida em que põe em pauta pessoas que sofrem com o mal, nomeando-as e localizando-as no tempo. Esse é um dos pontos altos do livro, pois descreve com precisão a doença, os doentes, nomeando aquelas pessoas que se destacaram no combate ao mal. Creio que isto dá ao livro, uma dimensão humana notável: não é a técnica que explica o mal e o doente, mas é o ser humano afetado pela doença diante de outro ser humano que possui o conhecimento e procura soluções para



aliviar o sofrimento, procurando evitar que o problema se alastre. Lembra o autor que, num certo momento, foram criadas entidades que se organizam em torno da busca de soluções; estas associações implicam o trabalho de homens (que estão biografados) que trabalham na linha da busca de solução para o sofrimento humano. Quando a descoberta, a conquista de cada um é somada à dos outros, pode-se ter a esperança de trabalhos positivos, apesar de todas as dificuldades e limitações do ser humano.

Há muito mais a dizer, mas, para finalizar, limito-me a informar que o livro tem o patrocínio da Santa Casa de Belo Horizonte, do Santa Casa Saúde e do IEP – Instituto de ensino e Pesquisa da instituição.

**Zina C. Bellodi, Professora Titular aposentada de Teoria da Literatura da atual Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista - UNESP - Araraquara, SP.**



## Débora Novaes de Castro

**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



### Antologias:

**Poemas:** II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

**Trovas:** II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

**Haicais:** II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



**Opções de compra:** Livraria virtual **TodaCultura:** [www.todacultura.com.br](http://www.todacultura.com.br)

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br) - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

# A Aclamação de um Paulista

**Sonia Sales**

A História do Brasil é repleta de fatos curiosos, e porque não dizer até mesmo espetaculares. Um deles, passado em São Paulo, merece maior destaque: a aclamação de Amador Bueno, Rei de São Paulo, não só pela excentricidade do acontecimento, como pelo desenlace do mesmo. Felizmente, evitou-se um mal maior e tudo acabou bem, sem maiores conseqüências, pois São Paulo é uma terra abençoada. Olhando o passado, conseguimos entender a força e a pujança do maior estado do Brasil, pois a coragem dos bandeirantes e a contribuição das diversas etnias tiveram papel preponderante no progresso do nosso país.

Amador Bueno, nascido cerca de 1584 em São Paulo, era filho de Bartolomeu Bueno, castelhano, e de sua esposa, Maria Pires, descendente de índios de São Vicente e de portugueses. Foi capitão – mor, conselheiro cidadão, ouvidor, provedor da Capitania de São Vicente e contador da Fazenda Real, entre outros cargos de grande destaque. Casou-se com Bernarda Luís, filha de Domingos Luís e de Ana Camacho, provedores e fundadores da capela de Nossa Senhora da Luz nos arredores da vila de São Paulo. Tiveram grande descendência, incluindo-se entre seus filhos os famosos bandeirantes Bartolomeu Bueno, chamado “o moço” (com o mesmo nome do avô) e Francisco Bueno, além de duas filhas casadas com fidalgos espanhóis estabelecidos no Brasil.

Em “São Paulo de Outrora”, Paulo Cursino de Moura nos conta que em 1641, com a restauração da monarquia portuguesa, que se libertava do domínio espanhol depois de sessenta anos (1580-1640) pela ação do Duque de Bragança, mais tarde D. João IV, os comerciantes de São Paulo, na maioria espanhóis ou descendentes, preocupados com a possibilidade de que os seus lucrativos negócios com Buenos Aires (mercado negro, apresamento e venda de índios) fossem prejudicados, julgaram poder criar um reino independente em São Paulo. Mas, sem a força necessária para sozinho executarem o plano, procuraram o nobre e respeitado Amador

Bueno da Ribeira, que seria o homem mais rico e influente da cidade, e o aclamaram rei de São Vicente.

Para Cursino de Moura, Amador Bueno, um circunspecto magistrado, apanhado de surpresa com os gritos de *Viva o Rei! Viva o Rei Paulista!* - assustado, tratou de refugiar-se no Mosteiro de São Bento e de lá só saiu quando acalmada a rebelião.

Para outros historiadores, como o ilustre Afonso de Escagnolle Taunay, um dos nossos mais importantes pesquisadores, a história é bem diferente. Numa versão bem estruturada, ele procura ressaltar o lado patriótico da questão, e assim fala:

“-Quando o D. João IV assumiu o trono de Portugal em 1640, os influentes e ricos castelhanos liderados pelos Irmãos Quevedo y Luna, D. Francisco de Lemos; D. Gabriel Ponce de León, D. Bartolomeu Torales, D. André de Zunega, os genros de Amadeu Bueno e muitos outros do mesmo partido, subscreveram o termo de aclamação, pois como espanhóis não queriam ser súditos de D. João IV, que consideravam vassalo rebelde ao seu soberano, e resolveram provocar a secessão da região paulista do resto do Brasil, esperando anexá-la às colônias espanholas limítrofes...

... Ofereceram o trono ao sogro, (Amador Bueno) ele próprio filho de espanhol e homem do maior prole de sua república, pela inteligência, a fortuna, o passado bandeirante, o casamento, os cargos ocupados...”

Com o passar dos anos, muito se tem dito e escrito sobre Amador Bueno, o Rei de São Paulo. Mas como quem conta um conto sempre aumenta um ponto, e todos os historiadores procuram dar a sua contribuição, consta que o ilustre capitão – mor teria recusado a grande honra e desembainhando a espada deu vivas ao rei de Portugal, fazendo a saudação: -“ *Viva o senhor D. João IV, nosso rei e senhor, pelo qual darei a vida*”, mostrando a sua lealdade à coroa portuguesa no momento em que se restaurava a monarquia. Por sua recusa, foi ameaçado até de morte por uma multidão de pessoas de todas as classes, que se dirigiu à sua casa para aclamá-lo. Temendo as conseqüências, Amador Bueno procurou refugiar-se no mosteiro beneditino, ficando sob a proteção do abade e seus monges.

(No acervo do Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo de São Paulo, encontra-se uma belíssima pintura de Benedito Calixto, que retrata o momento da Aclamação).



Amador Bueno

E assim continua Taunay:

“Desceram à praça fronteira o prelado e sua comunidade, procurando convencer os manifestantes que deviam abandonar o intento que os congregara... Arrepêndidos do seu desacordo, resolveram os aclamadores aderir ao movimento restaurador de 1º de dezembro de 1640. E assim foi D. João IV solenemente reconhecido soberano dos paulistas a 3 de abril de 1641, num gesto de solidariedade lusa do qual a unidade do Brasil imenso viria valer-se pelo alargamento extraordinário de sua área”...

Segundo documentos do Arquivo do Mosteiro de São Bento em São Paulo, o auto da Câmara foi assinado pelo capitão – mor de São Paulo, João Luís Mafra, e por Antonio Raposo Tavares, Frei João da Graça, abade do Mosteiro de São Bento, Frei Bento da Trindade, Frei Manuel Santa Maria e outros tantos paulistas.

Amador Bueno, deixando nome ilustre, é sem dúvida um dos heróis de São Paulo. Por seu ato de bravura, recebeu carta de D. João IV agradecendo a sua extrema lealdade à coroa portuguesa.

Duzentos anos depois, lembrando a revolta da capitania de São Vicente e a primeira manifestação do Brasil em se libertar dos colonizadores, D. Pedro I fez questão de ressaltar que foi aclamado Imperador pela primeira vez na terra do “fidelíssimo e nunca assaz louvado Amador Bueno de Ribeira.”

**Sonia Sales é membro titular da Academia Carioca de Letras, da Academia Luso-Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN Clube do Brasil e da Sociedade Eça de Queiroz.**

## E Eu sei fazer Versos, de Lóla Prata



É um curso de esquemas poéticos, apresentando pouco mais de 70 técnicas clássicas, medievais, modernas e pós-modernas, brasileiras e estrangeiras, de elaboração de poemas.

Na 2ª parte, vocabulário relativo às peculiaridades gramaticais que orientam a perfeita contagem métrica dos versos, e definem estruturas (Acróstico, Diacróstico, Teléstico, Breve, Limerique, Leonino, Parlenda, Nênia, Soneto, Ex-Libris, Trevo, Triversos, Xácara, etc.) para confecção de trabalhos literários tanto em verso como em prosa.

Tem por objetivo o aprimoramento dos poetas na nobre arte de versejar. Custa 20 reais e R\$ 4,20 do frete com registro módico.

**[lola@pratagarcia.com](mailto:lola@pratagarcia.com)**

## O rapaz loiro, o policial e o homem de boné

**Odette Mutto**

Era um carro hidramático e novo. Jorge deixou a esposa na porta da igreja como de costume. Gente de meia idade e suas tendências místicas... Nenhum lugar para estacionar. Deveriam ter vindo de táxi. Mas também não adiantava pensar nisto agora. Precisava achar uma vaga. Atrás um carro velho ia devagar igual Jorge, pelo jeito procurando a mesma coisa. Quando dobraram a primeira esquina o outro acelerou. Jorge encostou bem no meio fio, mas mão conseguiu evitar o choque. Pararam emparelhados. Do carro velho desceu depressa um rapaz alourado, muito jovem, dizendo que a culpa havia sido sua. Jorge olhou com raiva, primeiro a batida, depois o moço. Este começou a mostrar documentos, indiferente ao barulho das businas. Chegaram alguns curiosos, por último um policial. Jorge explicou que o rapaz se reconhecia culpado. O policial mandou o moleque encostar o carro. Ele obedeceu manso e rápido para trás de Jorge. Devagar o trânsito foi fluindo melhor. Como a colisão tinha sido sem vítimas humanas, a turma que veio à cata de tragédias logo se dispersou. Acabaram ficando só os três: Jorge, o rapaz loiro e o policial, examinando os documentos. Tudo estava certo: carteira de habilitação, certificado de propriedade, licenciamento. O policial anotou o endereço e telefone do mocinho. O único trabalho de Jorge seria levar o carro na funilaria, o restante o pai do outro resolveria. O incidente es-

tava terminado. Jorge olhou mais uma vez o paralama amassado, junto com o policial. O rapaz loiro ficou esperando na calçada Jorge sair, para ir embora também... Jorge gratificou o policial e foi para o volante, o outro atrás, segurando a porta apenas entreaberta devido ao movimento. Então, quando Jorge já estava sentado, o "policial" encostou firmemente o cano do revólver em sua cintura e disse: - Acabou. Jorge instintivamente procurou sair pela outra porta, mas o rapaz loiro entrou rápido, travando o trinco. Jorge encarou-o. Ele não parecia tão jovem, suas feições estavam tensas. Jorge não viu a arma na mão dele, mas sentiu-a no lado externo da coxa direita. Nem pensou em gritar, o medo e a surpresa paralisaram-no. Meio empurrado deslizou para o centro do banco, o policial no volante só com a mão esquerda, as armas permaneceram onde estavam. Sairam em velocidade normal, Jorge entre as duas armas. Na altura do terceiro quarteirão um homem de boné pediu carona. Jorge mal pode acreditar que iam parar. Pararam.. O homem subiu sentou bem atrás de Jorge e perguntou se dera tudo certo. O rapaz loiro e o policial acenaram afirmativamente com a cabeça. Jorge entendeu afinal porque tinham parado. O homem de boné era o "dono" da idéia... Então o policial largou a arma e agarrou firme a direção. Partiram rápido, estavam com pressa...

**Odette Mutto é escritora, contista e dentista.**

## UM ACHADO - Cenas da cidade.

**Edson Freire**

É o andarilho, catador de lixo. Perambula pela cidade grande numa busca pelos vários cantos das praças ou nas calçadas, frente aos edifícios. Faz a costureira triagem para a posse aos pertences rejeitados e abandonados. Num local um pouco escondido, vê uma caixa. Aproxima-se; a caixa está semi-aberta. Curioso, olhos e mãos procuram o conteúdo.

Dentro, algo enrolado. Tirou os vários panos. Então, tocou o inesperado conteúdo. Era uma criança!

No momento, o mísero andarilho se esqueceu que não tinha condições de ficar com o vivo achado.

Mas, seu coração, alegrado por olhos em lágrimas, dizia, através de lábios trêmulos: o que é achado, não é roubado.

Eu achei, o bebê é meu!

**Edson Freire é escritor e poeta.**

## PRISMA

**Débora Novaes de Castro**

*Pensamento,*  
conexão plugada  
ao universo do imaginário  
onde o vazio se faz pleno,  
a noite amanhece,  
e em nada e em tudo  
o impossível acontece.

*Palavras,*  
águas claras de rios  
a despencar em cascatas,  
serpenteando mundos,  
acarinhando almas,  
reluzindo arco-íris,  
preciosa aliança.

*Hábitos,*  
pedra de sonar  
da boa construção  
ou franca demolição,  
e se "o hábito faz o monge",  
bons hábitos,  
redenção.

*Caráter,*  
ouro moldado  
na forja do pensamento,  
que se faz palavras, hábitos,  
cavando abismos,  
hasteando bandeiras,  
erguendo taças!

**Débora Novaes de Castro é membro das Academias Cristã de Letras e Paulista Evangélica de Letras, entre outras instituições culturais.**

## Vestibular & Concursos

**Sonia Adal da Costa**

1) Seu carro tem chassi ou chassis?

O certo é chassi, assim como toma-se um chope, usa-se um clipe e masca-se um chiclete.

2) Assinale a correta:

- a) Ela ficou de bruço.
- b) Vou tirar raio X.
- c) O juiz expediu um mandado de segurança.
- d) Ela está meio brava hoje.
- e) Nenhuma das alternativas.

Resposta: E

- a) Ela ficou de bruços, de cócoras e bate palmas.
- b) Vou tirar raios X e não raio X.
- c) Ele expediu mandado de segurança.
- d) Ela está meio brava, pois neste caso é advérbio e não se flexiona.



**Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infância-Juvenil pela Universidade de São Paulo.**

## Indicador Profissional



**Genésio Pereira Filho**

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64  
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

# Um escritor sem subterfúgios

**Ronaldo Cagiano**

Desde que estreou na literatura no final dos anos sessenta com “Tremor de terra” (vencedor do Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal), a prosa de Luiz Vilela destaca-se por duas características fundamentais: o resgate das histórias comuns, que transcorre numa atmosfera narrativa que busca a simplicidade e a clareza, sem perder a densidade; e a contenção formal, particularizada pelo diálogo, que poucos como ele conseguem manusear, sem cair na obviedade, na simplificação ou na fadiga.

Em “Perdição”, que marca seu retorno triunfal ao romance, esses aspectos tornam-se ainda mais evidentes, porque trabalhados com mais rigor e estilo e adensam o enredo. A trama se passa numa fictícia Flor do Campo, microcosmo do interior mineiro, a partir do qual descortina-se um cenário de mazelas e conflitos.

Leo é o personagem culminante, âncora de uma bem humorada história sobre os descaminhos de um jovem perdido e a inviabilidade da vida interiorana. Aliás, o humor em Vilela é a crítica e a reflexão em estado de sutileza e refinamento e funcionam em todo o conjunto como uma espécie de amálgama, equilibrando forma e conteúdo.

Pelas mãos de Ramon, jornalista de uma pequena tribuna local, seu amigo de infância e narrador onisciente, conhecemos o percurso, às vezes sem sal, às vezes atilado, de um vendedor de peixes na feira. Entediado com a vida que leva e com a falta de perspectiva de sua atividade, repentinamente afetada pela chegada da empresa de Diske-Peixe, que veio explorar o ramo na cidade, ele decide tentar outra sorte. Só que sua esperança vai bater em outras águas, cooptado por um pregador evangélico, cuja cantilena o seduz a ir para o Rio com a missão de salvar os homens do pecado, a partir do que traveste-se no Pastor Pedro, numa alusão ao pescador de almas da bíblia.

Ao entrar num mundo completamente desconhecido, atraído pela promessa de vida nova e de salvação, na verdade Leo (Pedro) encontra a própria perdição ao perceber que foi manipulado pelo vezo maniqueísta e comercial de um tal Mister Jornes, figura que muito bem metaforiza essa

onda protestante avassaladora e hipócrita que vem tomando conta do nosso país com seu impune estelionato espiritual.

Leo, como milhões de fieis que acabam caindo no conto do vigário das pregações massificantes e histriônicas, acaba migrando para esse despudorado mercado da fé. Hipnotizado por uma promessa irrealizável, a engrenagem o aprisiona e ele afunda cada vez mais nesse terreno pantanoso, babélico e ilusório. Por fim percebe a canoa furada em que se meteu, sendo forçado a abandonar aquela máscara e a retornar à sua terra natal, voltando à vidinha sem ênfase de sempre e enfrentando o julgamento e a execração dos que o viram partir.

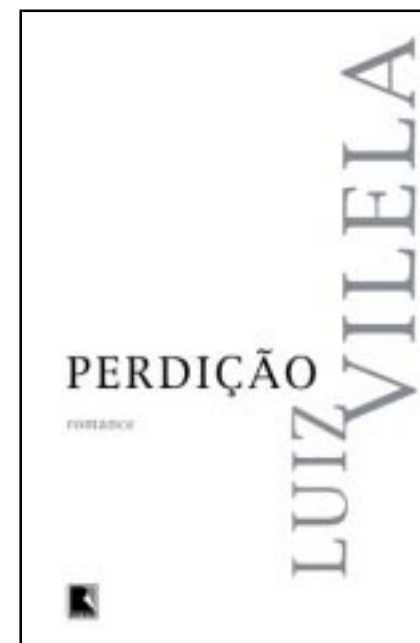
Durante toda a história, Vilela desloca sua narrativa para outros pequenos focos, ao apresentar fatos e ocorrências que mobilizam a vida do pequeno lugar, mas que têm, no fundo, a função de revelar esse caldeirão de tipos e situações, muitas vezes bizarras, expondo todo um universo povoado pelas credices, pelo misticismo, pela politicagem e pelo vazio da falta de horizontes.

Em *Perdição* está em jogo essa luta entre o bem e o mal, entre a mentira e as falsas verdades das instituições, entre o sagrado e o profano das relações, bem como a guerra entre a carne e o espírito, algo que vem sendo apropriado - indevidamente e com todo fanatismo e fervor farisaico - pelas seitas protestantes que procriam por aí, principalmente com a exposição frequente de falsos milagres na tevê, o que na obra de Vilela é sutilmente denunciado, quando a história do acidente da filha de Leo vem à tona e mostra a incapacidade da fé e da religião de curá-la, não há graça possível, só a desgraça real no mundo de verdades e caminhos perecíveis.

Vale ressaltar a força dos diálogos em toda a obra vileliana e que nesse caudaloso romance funcionam como um grande rio por onde escoram as perplexidades, as dúvidas, as angústias e críticas dos personagens. No espaço das conversas corriqueiras alimentam o dia a dia dessa gente, verdadeiras pérolas garimpadas na prosa dos observadores da vida cotidiana, discutem-se valores e inquietações, tudo carregado de uma ironia ferina, compondo um painel psicológico, moral e profundamente humano de Flor do Campo.

No romance, personagens secundários – como sua mulher, Gislaíne; Nenzinha, a dona da pensão; além Mosquito, reles vendedor de pimentas – constituem um caleidoscópio de hipocrisia, pequenez, preconceito e cinismo de uma sociedadezinha refratária e sem rumo. E a pescaria simboliza o mergulho de Leo em águas profundas, nas quais ele enfrentará a escuridão e o lodo e conhecerá uma outra verdade – a do engodo das crenças – que verdadeiramente o libertará, trazendo-o de novo à tona, à clareza de suas raízes, ainda que doloroso o retorno sem a pretendida salvação ou redenção.

Ao tocar em temas tão profundos que habitam a alma e a consciência das pessoas, mas encontrando em qualquer lugar do mundo, Vilela aponta para o universalismo de sua prosa, sem necessidade de contorcionismos de linguagem nem afetações estilísticas. O que é essencial e profundo na condição humana é o ponto central em toda a obra do autor e em “Perdição” é captado com maior liberdade e tensão crítica. Vilela expõe senso agudo senso de objetividade e clareza, calcado na sua experiência com a cultura oral, com o imaginário rural e com a coloquialidade, cujas verdades e sentimentos não requerem nenhuma invencionice formal ou técnica, tão somente a reconstrução da realidade a partir de sua atmosfera mais elementar, para o que a linguagem concorre com sua carga de realismo e espontaneidade e aqui, o diálogo, re-



pita-se, como forma de recontar esse mundo, empresta autenticidade, leveza, crueldade e poesia.

Vilela é um desses estuários que formam o oceano de uma grande literatura. Assim como um Graciliano Ramos e um Tchecov, sua ficção é virtuosa, sem subterfúgios, porque a palavra não é usada para enfeite, mas para comunicar, dizendo sempre mais com o mínimo de recursos. E no bojo de seu projeto criativo, incorpora uma visão estética da arte e do homem, sua literatura tem um compromisso ético com a verdade e com os destinos do mundo.

Livro: PERDIÇÃO

Autor: LUIZ VILELA

Ed. Record, 2011, 400 pgs.

R\$ 39,90

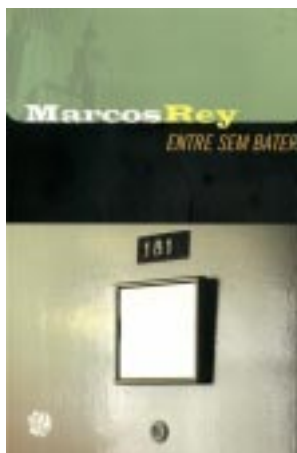
**Ronaldo Cagiano é escritor,  
poeta e crítico literário.**



## Lançamentos & Livros

**Entre sem Bater**, romance de Marcus Rey, Global Editora, São Paulo, 216 páginas, R\$ 32,00. A obra foi originalmente publicada em capítulos, em duas edições semanais ao longo de três meses, no jornal *Última Hora*, em 1960. Em 1961 foi lançada em livro. A Global relança *Entre sem Bater*, que estava esgotada há tempos. Marcus Rey (17 de fevereiro de 1925 - 1 de abril de 1999) foi escritor, roteirista de cinema, tradutor, fez adaptação de clássicos da literatura para a televisão e membro da Academia Paulista de Letras.

**Global Editora:** [www.globaleditora.com.br](http://www.globaleditora.com.br)



**Mulheres**, poemas de Almir Diniz, Fortaleza, Expressão e Gráfica Editora, 110 páginas. O autor é escritor, jornalista, advogado e membro da Academia Amazonense de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Academia Amazonense de Poesia.

Segundo Giselda Medeiros, da Academia Cearense de Letras, "É visível nesses poemas de Almir Diniz a sua versatilidade em dar vida às imagens e ideias. Ele ultrapassa o domínio da meditação e da observação para expandir sua intuição criadora através da opulência de seus versos. É um exercício constante em nome da beleza."

**Almir Diniz:** Rua Saldanha Marinho, 745 - ap. 601 - Edifício Beta - Manaus - AM - 69010-040.



**A Face do enigma: José Alcides Pinto e sua escrita literária**, crítica e interpretação de Dimas Macedo, Fortaleza, 76 páginas, 2ª edição. O projeto gráfico e a capa são de Geraldo Jesuíno.

Dimas Macedo é escritor, poeta, crítico literário, Mestre em Direito, jurista, professor e membro da Academia Cearense de Letras.

O livro abrange o roteiro biográfico, a obra literária e a bibliografia do jornalista, escritor, poeta, teatrólogo e crítico literário Alcides Pinto; e "Os Labirintos de uma Escrita" - entrevista que Carlos Augusto Viana fez com Dimas Macedo.

**Dimas:** [dimas.macedo@hotmail.com](mailto:dimas.macedo@hotmail.com)



## Notícias de Piracicaba

**O Próximo Sarau Literário Piracicabano**, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, será realizado no dia 13 de março, terça-feira, das 19h30 às 21h30, na sala 2 do Teatro Municipal Dr. Losso Netto. Os convidados homenageados serão Moacyr Jaime Scliar (aniversário de nascimento 23 de março de 1937 e 27 de fevereiro - um ano do seu falecimento) e Luzia Stocco (atriz e escritora piracicabana). O tema do sarau será Mulher, vida e poesia.

**O Sapo Voador**, de Ademir Barbosa Júnior, livro de poemas para crianças, com ilustrações de Fabiana Arruda, foi encomendado pela Fundação Bradesco que comprará 1700 exemplares.

**A Agenda Cultural Piracicabana**, de 5 de fevereiro de 2012, prestou homenagem a Israel Lopes pelo seu trabalho de pesquisa da cultura capira. <http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com/2012/02/cornelio-pires-o-bandeirante-do.html>

## Concursos

**25.º Concurso de Contos Cidade de Araçatuba**, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Araçatuba, está com inscrições abertas até o dia 3 de maio para as categorias nacional, estrangeiros do mundo lusófono e regional. Os interessados poderão inscrever um conto inédito, de acordo com o novo acordo ortográfico, com até 10 páginas, papel A4, corpo 14, espaço duplo, margens de 2,0cm e fonte Times New Roman. É obrigatório o uso de pseudônimo. **Premiações:** Cada categoria receberá no 1º lugar: R\$ 2.000,00, no 2º lugar: R\$ 1.000,00 e no 3º lugar: R\$ 500,00. Os classificados e as cinco menções honrosas serão publicados em antologia. **Inscrições:** Os textos anexos deverão ser enviados para [contosaracatuba@gmail.com](mailto:contosaracatuba@gmail.com); os dados (título do conto, nome, RG, endereço postal completo, telefone, celular e pseudônimo) para [julgarcontos@yahoo.com.br](mailto:julgarcontos@yahoo.com.br). **Informações:** [www.concursodecontos.blogspot.com](http://www.concursodecontos.blogspot.com) - Tel.: (18) 3636-1270 - [secretariacult@gmail.com](mailto:secretariacult@gmail.com).

**Concurso de Contos da Associação Nacional de Escritores**, promovido pela Associação Nacional de Escritores, está com inscrições abertas até o dia 30 de março. Os interessados poderão inscrever um conto com tema livre, com até 4 páginas, papel A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, em língua portuguesa, de acordo com a Nova Reforma Ortográfica. É obrigatório o uso de pseudônimo. **Premiação:** Medalha comemorativa dos 50 anos da ANE, diplomas e publicação em antologia. Serão classificados 50 trabalhos. **Regulamento:** [www.anenet.com.br](http://www.anenet.com.br). **Informações:** Tel.: (61) 3244-3576 - [ane.df@terra.com.br](mailto:ane.df@terra.com.br). Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail [ane.df@terra.com.br](mailto:ane.df@terra.com.br) ou pelo correio (Pen Drive, CD, ou datilografado): SEPS 707/907, Bloco F, edifício Escritor Almeida Fischer - Brasília - DF - 70390-078.

LINGUAGEM VIVA

[www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Consulte nossa tabela de preços

[Linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:Linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

**Profa. Sonia Adal da Costa**

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - [portsonia@ig.com.br](mailto:portsonia@ig.com.br)



Andréia Donadon Leal

# Notícias

**Andréia Donadon Leal**, que participará do lançamento da antologia *Ecrivains Contemporains du Minas Gerais*, na abertura do *Salon du Livre de Paris*, no dia 15 de março, das 17 às 21 horas, fará a distribuição de exemplares do jornal do *Linguagem Viva*. O evento contará com a presença do Presidente da República e do Ministro da Cultura da França.

**O Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo** está com inscrições abertas até o dia 12 março para o credenciamento de contadores de histórias e oficinairos. Informações, editais e ficha de inscrição: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=10009>

**Jorge Volpi**, com o romance *La tejedora de sombras*, foi agraciado com o *Prêmio Ibero-americano Planeta-Casa de América de 2012*.

**O Governo do Estado de São Paulo** disponibilizará, através do Programa de Ação Cultural, R\$ 100 milhões para o incentivo à produção cultural paulista. Os interessados poderão inscrever projetos até o dia 9 de março. Informações: Tels.: (11) 2627-8268 e 2627-8145.

**A Biblioteca Nacional** promoverá um seminário internacional, uma mesa-redonda e um sarau, em comemoração ao dia do Bibliotecário, no dia 12 de março, no Auditório Machado de Assis e no Jardim da BN, no Rio de Janeiro. O evento será realizado em parceria com o Conselho de Biblioteconomia do Rio de Janeiro e o Instituto Goethe. Informações: [bibliotecario@bn.br](mailto:bibliotecario@bn.br).

**Cidadania e Leitura**, projeto do Programa Nacional de Incentivo à Leitura que é realizado pela da Fundação Biblioteca Nacional, formará mediadores que desenvolverão ações de promoção da leitura em bibliotecas comunitárias.

**Sal & Luz**, biblioteca especializada em audiolivros, empresta gratuitamente fita K7, CD ou MP3. Os livros são destinados a cegos e deficientes visuais em geral e pessoas idosas. <http://audioteca.org.br/noticias.htm> . Tel.: (21) 2233-8007.

**A Feira do Livro de Frankfurt** homenageará a produção brasileira e o Brasil será o convidado de honra do Salão do Livro de Paris de 2014.

**A 11ª Feira de Troca de Livros**, promovida pelo Shopping ABC Plaza, será realizada de 12 de fevereiro até 1 de março, na praça de eventos, Avenida Industrial, 600, em Santo André. Informações: (11) 4437-5000.

**A Feira do Livro de Joinville** será realizada de 12 a 22 de abril, no Expocentro Edmundo Dobrawa. [www.institutofeiradolivro.com.br](http://www.institutofeiradolivro.com.br)

**O 3º Congresso Internacional CBL do Livro Digital**, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, será realizado nos dias 10 e 11 de maio, no Centro Fecomercio de Eventos, em São Paulo.

**Fabiano dos Santos Piúba** assumiu a subdireção de Leitura, Escrita e Bibliotecas do Cerlalc.

**O Ministério da Cultura** publicou no Diário Oficial da União as novas regras para os incentivos fiscais do Programa Nacional de Apoio à Cultura, implementado pela Lei Rouanet.

**Mauro Martinez dos Prazeres**, sócio e fundador da Devir Livraria, faleceu no dia 7 de fevereiro, vítima de problemas cardíacos.

**Maria Inês Batista Campos** lançará *A construção da identidade nacional nas crônicas da Revista do Brasil*, no dia 8 de março, quinta-feira, das 18h30 às 21h30, na Livraria da Vila, Rua Fradique Coutinho, 915, em São Paulo.

**O II Encontro de Escritores e Entidades Culturais**, promovido pela União Brasileira de Escritores da Paraíba, será realizado nos dias 19 e 21 de abril, em João Pessoa. [ubepb@ricardobezerra.com.br](mailto:ubepb@ricardobezerra.com.br)



Maria de Lourdes Alba

**Maria de Lourdes Alba** lançará *Expressão de Vida*, poemas, e **Caio Porfírio Carneiro**, *Veredas da Caminhada*, contos, pela RG Editores, no dia 29 de fevereiro, quarta-feira, às 18h30, no Restaurante Planeta's, Rua Martinho Prado, 212, em São Paulo.

**Ferreira Gullar**, com a obra *Em Alguma Parte Alguma*, foi laureado na categoria Poesia do 1º Prêmio Moacyr Scliar de Literatura, instituído pela Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, Instituto Nacional do Livro e Associação Lígia Averbuck.

**Menalton Braff** lançará *Tapete De Silêncio*, pela Global Editora, no dia 1 de março, quinta-feira, a partir das 19 horas, na Livraria Martins Fontes Paulista, Av. Paulista, 509, em São Paulo.

**Cidades Reivindicadas – territórios das lutas urbanas, das utopias**, obra organizada por Arlêude Bortolozzi, foi lançada pela Editora Olho D'Água.

**Edmar Monteiro Filho** lançou o romance *Fita Azul* no dia 2 de fevereiro, na Livraria da Vila, Rua Fradique Coutinho, 915, em São Paulo.

**A Livraria Camões** (Rio de Janeiro) será reaberta graças à parceria que a Imprensa Nacional - Casa da Moeda, órgão do governo português, fez com o Grupo Almedina.



**LIVRARIA BRANDÃO**



Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos) Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l [oldbook@terra.com.br](mailto:oldbook@terra.com.br) - [www.brandaojr.estantevirtual.com.br](http://www.brandaojr.estantevirtual.com.br)